

ATAS DO XVII ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Sob Ataque: preservação e destruição de imagens na história da arte

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História

Coordenadora Docente

Prof. Dr. Gabriel Ferreira Zacarias

Comissão Organizadora Discente

Ana Clara Simon

Cristiano José Steinmetz

Gian Carlo Guadagnin

Janaína da Silva Fonseca

Letícia Asfora Falabella Leme

Sandra Mara Salles

Editoração das atas do evento

Fanny Lopes

Apoio

Programa de Pós-Graduação em História – IFCH/Unicamp

Secretaria de Eventos – IFCH/Unicamp

Apresentação

O ano de 2023 começou no Brasil com um novo presidente eleito e uma invasão ao Palácio do Planalto por eleitores bolsonaristas contrários às eleições democráticas de 2022. O episódio, que teve como desdobramento a depredação de diversas obras de arte sob posse do Estado brasileiro, levou a Comissão Organizadora do XVII Encontro de História da Arte a refletir não apenas sobre este fato pontual, mas, de maneira mais ampla, sobre os ataques a obras de arte ao longo da história e seus diferentes significados.

Tais reflexões e discussões conduziram ao entendimento de seu necessário e urgente aprofundamento, definindo, desse modo, o tema para o Encontro de 2023: *“Sob Ataque: preservação e destruição de imagens na história da arte”*.

Um breve retrospecto nos permite contextualizar tal urgência, nos levando ao ano de 2022, quando não raras foram as manifestações de ativistas em protestos contra mudanças climáticas que envolveram ataques a obras de arte em grandes museus no mundo. Na National Gallery, os Girassóis de Van Gogh foram atingidos por tomate enlatado pelos ativistas do *Just Stop Oil*; no Museu Barberini, o grupo Letzte Generation jogou purê de batata em Monet; na Galeria Nacional da Austrália, rabiscos nas latas de Campbell de Andy Warhol foram feitos por membros do *Stop Fossil Fuel Subsidies*; no Louvre, ativista climático atingiu a Mona Lisa de Da Vinci com uma torta.

Outros eventos, como os relacionados aos movimentos *Black Lives Matter* (Vidas Pretas Importam), de crítica ao legado da escravidão, conduziram não apenas à derrubada de estátuas na Inglaterra, Bélgica e nos Estados Unidos, mas a processos de revisão e reflexão sobre o papel dessas obras na sociedade contemporânea. No Brasil, ainda no bojo dessa toada internacional, vimos incêndios e pichações em estátuas de bandeirantes ao longo de 2021.

Também se fez papel da crítica, nesse sentido e tempo, observar os processos de destruição e preservação de monumentos e obras em espaços de guerra, repressão e dominação — como no Oriente Médio nos últimos 40 anos e, de maneira ainda mais pungente, desde outubro de 2023, assim como durante a Segunda Guerra Mundial (1939-45) e em diversos outros períodos históricos e contextos geopolíticos.

Ainda que escapem, costumeiramente, às discussões comuns em torno da iconoclastia, cabe igualmente mencionar os questionamentos em torno da continuidade ou da extinção de peças de literatura e teatro. Estas peças de arte são exemplos da complexidade e matização das questões que envolvem os mecanismos de manutenção do sistema e do cânone artístico e cultural que informam e conformam nossa realidade compartilhada.

Em seu livro *Iconoclasm*, David Freedberg aponta que, quando falamos de iconoclastia, preservação e destruição são dois lados da mesma moeda. Isso porque, segundo Mirjam Brusius, objetos foram destruídos ao longo da história justamente porque "objetos vistos como valiosos por alguns, mas 'idólatras' para outros, por exemplo, às vezes foram destruídos precisamente porque eram considerados dignos de preservação por partes opostas".

Diante de tais considerações e desafios e na esteira de acontecimentos tanto remotos quanto contemporâneos, bem como dos estudos que os cercam, a Comissão Organizadora do XVII Encontro de História da Arte convidou artistas, pesquisadores, curadores, professores, educadores e outros profissionais da área a apresentarem suas pesquisas e reflexões sobre o ataque a imagens e seus significados na história da arte.

A Mesa de Abertura do evento contou com a participação da historiadora e curadora Raquel Barreto (Curadora-chefe do MAM Rio de Janeiro) e do Prof. Dr. Arthur Valle (UFRRJ), com mediação de Gabrielle Nascimento, doutoranda (PPG História/Unicamp) e educadora do Museu Afro Brasil Emanuel Araujo.

No segundo dia do evento, o artista Antônio Obá que, naquela ocasião, apresentava sua exposição individual "Revoada" na Pina Contemporânea, em São Paulo, se juntou ao Prof. Dr. Alberto Carlos Augusto Klein (UEL) e à Profa. Dra. Clara Habib (UERJ) em Mesa Redonda mediada pela doutoranda (PPG História/Unicamp) e diretora do Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, Sandra Salles.

Finalmente, no terceiro e último dia de evento, a mesa de encerramento contou com o Prof. Dr. Gabriel Ferreira Zacarias (Unicamp) e a Profa. Dra. Gisele Beiguelman (FAU-USP).

O Encontro contou ainda com nove rodadas e 26 mesas de comunicação, realizadas ao longo de três dias.

O XVII Encontro de História da Arte foi realizado em parceria com o Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, que ofereceu publicações a seus participantes e visita mediada à instituição que completa, em 2024, no momento do lançamento destas Atas, seu 20º aniversário.